

A Désalpe é uma festa no cantão suíço de Friburgo

No fim do Verão, as vacas que estiveram nas montanhas regressam aos vales suíços para fugirem ao Inverno rigoroso. Quando há Désalpe há festa na aldeia. Fomos a Albeuve ver como é.

Sandra Silva Costa (Texto) e **Manuel Roberto** (Fotografia)

21 de Dezembro de 2024, 8:12



Na Suíça há sempre um português que nos salva. Tinham-nos dito que não podíamos interromper a parada e andávamos por ali meio à toa, a tentar chegar à fala com alguém que estivesse a descer da montanha com as vacas durante a Désalpe em Albeuve. Até que o vimos, ao fundo da rua, sentado no tractor, a postos para abrir caminho à manada que se aproximava. *Bonjour, bonjour*, palavra puxa palavra e vai-se a ver e Gabriel é filho de mãe portuguesa e pai suíço. Estava desbloqueado o problema.

Nesta manhã do primeiro sábado de Outubro, Gabriel Castella, 16 anos, entretém o tempo de espera pelas manadas à conversa com outros rapazes de Albeuve, que todos os anos se reúne em peso (e mais além, que são mais os forasteiros que os locais) para ver as vacas chegar. Aqui como noutros pontos da Suíça, a Désalpe é uma verdadeira festa. Marca o fim do Verão, que os animais passaram nas pastagens mais altas, e marca também o regresso de muitos aldeões, que gastaram o estio nos *chalets* de montanha, às suas moradas no vale.

Gabriel está aqui nesta manhã de sábado porque foi incitado pelo tio. “Cá em baixo, o meu tio tem só três vacas, mas durante o Verão toma conta de umas 90 lá em cima”, aponta com o braço. O luso-suíço adora esta festa e por isso aceitou ao convite para abrir a parada. Há-de subir de tractor esta rua ligeiramente inclinada de Albeuve cinco vezes durante o dia, tantas quantas a pequena localidade do cantão de Friburgo, com cerca de 600 habitantes, verá as vacas chegarem, mais ou menos 100 de cada vez.

A conversa com Gabriel é interrompida de súbito, porque se aproxima mais uma manada. Ele liga o motor e arranca, devagar. À frente do cortejo, três meninas com cestos de palha e logo atrás as estrelas do dia, as vacas. Trazem chocalhos de diferentes tamanhos atados ao pescoço e na cabeça flores de cores variadas. Também passam alguns cães, igualmente engalanados com flores, ou burros, com crianças, quase bebês, neles montados. Quem está a assistir, e são alguns milhares, sorri muito e bate palmas.



As mulheres vão muito bem aperaltadas nos seus *dzaquillons*, os trajes tradicionais do cantão de Friburgo, e os homens envergam com orgulho os seus *bredzons*, calças e colete preto e branco e camisa azul, que vemos várias vezes replicada na assistência. A fechar o cortejo, dois rapazes, oito, nove anos, por aí, espalham serrim sobre os dejectos que as vacas vão largando pela rua ou apanham-nos com uma pá. Alguém tem de fazer o trabalho sujo.

Agora é só esperar pelo próximo grupo de vacas e ninguém sabe quanto tempo elas demorarão a chegar, têm o seu ritmo. É hora de aproveitar o muito que a Feira de Albeuve, que se monta para este sábado de festa, tem para oferecer. Enquanto percorremos os vários *stands* repletos de comes-e-bebes e artesanato vamos escutando o som da trompa alpina, o instrumento tradicionalmente usado pelos pastores nas montanhas para comunicarem entre si.

“O meu sangue respira queijo”

Numa das barraquinhas de madeira encontramos Theo Castella (sim, é família, “embora afastada”, de Gabriel), atrás de uma tina de cobre suspensa sobre uma fogueira. Está a mexer vigorosamente o leite que será transformado em queijo Gruyère, um dos produtos-estrela do cantão de Friburgo, numa demonstração de como é feito nas montanhas pelos pastores. Quando o tio Patrice vem rendê-lo no trabalho, Theo conta-nos, orgulhoso, que é queijeiro de profissão.

“Aos três anos já ajudava com o queijo, aos sete já o fazia quase sozinho”, revela, sorriso rasgado na cara. Aprendeu a arte e agora, depois de ter vivido toda a vida em Albeuve, vai continuar “a formação agroalimentar numa escola de Friburgo”, a cerca de 40 quilómetros.



Theo Castella e o tio Patrice MANUEL ROBERTO

Este Verão, estive na montanha a exercer a função de *armailli*, que é como quem diz, foi contratado para tomar conta das vacas de outrem e produzir queijo. Teve a seu cargo “umas 50 a 60 vacas” e voltou a Albeuve há “duas semanas”. “O dia-a-dia nas montanhas é muito bonito”, garante.

Theo, também ele vestido com o seu *bredzon*, sente-se “realizado com esta vida”. Para além do queijo, tem outra paixão: os desportos de montanha. “Cheguei à selecção nacional de esqui, mas optei pelo queijo.” Ainda pratica esqui, agora de forma mais descomprometida, mas é o queijo que o faz feliz. “O meu sangue respira queijo!”, diz, e solta uma gargalhada sonora.

Percebemos pela agitação que se aproxima mais uma manada. O ritual é sempre o mesmo: elas passam, bonitas e bem arranjadas - estiveram a ser lavadas e enfeitadas desde a madrugada, explica Vincent, responsável pelas relações com os *media* da Feira de Albeuve -, e o povo bate palmas. Depois o povo regressa ao convívio, aos comes-e-bebes, e as vacas seguem caminho até às explorações no vale onde vão passar o Inverno.

Perto do meio-dia, Gabriel Castella espera pelo último grupo. “Depois destas, acaba-se.” Elas dão luta, ainda demoram um bom bocado, parecem querer atrasar o derradeiro gáudio dos milhares que hoje aqui acorreram - esta manhã os comboios circulavam à pinha e quando aqui chegámos, pelas 9h, o parque de estacionamento nas imediações de Albeuve estava já bem lotado.

Ao longe já se ouve a orquestra de chocalhos: ei-las que chegam, com flores azuis e brancas a abanar nas cabeças. “Bravo, bravo!”, incentiva a assistência. Está cumprida mais uma Désalpe em Albeuve.

Ao almoço provamos a típica “sopa de *chalet*” (7,50 francos), com creme de leite, massa e queijo Gruyère, e uma sobremesa que compramos na banca onde conhecemos a mãe de Gabriel Castella. Carmina está há vários anos na Suíça e trabalha no supermercado de Albeuve, que aqui está a vender sobretudo doces. É ela quem nos aconselha as *tartelettes au vin cuit*, um doce obtido a partir de mostos muito reduzidos de peras. São deliciosas e são um remate perfeito para o dia que passamos em Albeuve - não dizíamos que na Suíça há sempre um português que nos salva?

A Fugas viajou a convite do Turismo da Suíça



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicação de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas
- Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

[Gerir cookies](#) | [Ajuda](#) | [Termos e condições](#) | [Política de privacidade](#)

@ 2025 PÚBLICO Comunicação Social SA

EMAIL MARKETING POR

